

Coodenação
Jennifer Banze

Caminhos da Leitura

*O que dizem
os nossos leitores ?*



 **ethale**
Publishing

Caminhos da Leitura

*O que dizem
os nossos leitores?*

Coodenação
Jennifer Banze

Caminhos da Leitura

*O que dizem
os nossos leitores?*

 **ethale**
Publishing

TÍTULO

Caminhos da Leitura:

O que dizem os nossos leitores?

Autores: Agostinho Maúngue Júnior, Aniva Joaquim, Francisca Wetimane, Hercu-
lano Munguambe, Genoveva Tembe, Karen Muvique, Olayinka Virginia Mussafo
Cunha, Óstel Mangujo, Shanaya Lucas, Pedro Macheu.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jennifer Banze

REVISÃO

CríticaLab

DESIGN E PAGINAÇÃO

Larson Meque

CAPA

Larson Meque

ISBN

978-989-9318-02-1

Edição I/ Novembro 2024

Ethale Publishing, Lda

Bento Mukhessane, numero 94

Maputo - Moçambique

www.ethalebooks.com

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução em todo ou em partes deste livro, excepto com a autorização expressa da editora ou autor.

Nota editorial.....	9
Introdução	11
Das Ruas à Revolta: A Resistência dos Mendigos de Dakar.....	14
<i>Olayinka Virgínia</i>	
Entre Raças e Papéis: A Nova Realidade das Madames por	18
<i>Francisca Wetimane</i>	
Crônicas do Cotidiano: Verdades e Desilusões em Nossa Sociedade	21
<i>Genoveva Tembe</i>	
Reencontros e Destinos.....	26
<i>Shanaya Yasse Raivoso</i>	
Sabores da Criminalidade: Contos de Moçambique.....	30
<i>Karen Muvique</i>	
Sustentabilidade em África	33
<i>Agostinho Maungue</i>	
A Consciência Ecológica Africana.....	36
<i>Pedro Mucheu</i>	
Paz ou Guerra: Desafios da Democracia em Moçambique	39
<i>Óstel Mangujo</i>	

A Ecologia na Perspectiva Africana: Reflexões de Severino Ngoenha.....	43
<i>Elias Herculano Munguambe</i>	
A Terra em Crise: Filosofia Africana e os Desafios do Norte e do Sul.....	46
<i>Aniva Joaquim</i>	
Biografia	49



Ler nas férias 2023/2024

Nota Editorial

A antologia Caminhos da Leitura: O que dizem os nossos leitores? surge como uma extensão vibrante da terceira edição do concurso literário promovido pela Ethale Publishing, cujo objectivo é fomentar o hábito da leitura entre adolescentes e o público jovem.

Este concurso não apenas desafia os participantes a resumir obras de autores africanos e de forma particular moçambicanos, como também visa valorizar e divulgar essas vozes, transformando cada leitor num verdadeiro contador de histórias.

Através da leitura e da escrita, procuramos fortalecer a ligação do público jovem com a literatura africana, reconhecendo a importância de sermos detentores das nossas próprias narrativas. A diversidade de temas e estilos reflectida nos resumos aqui presentes suscita reflexões profundas sobre identidade, resistência e os desafios enfrentados na nossa sociedade. Cada obra seleccionada oferece uma janela para realidades multifacetadas, permitindo que o público mais jovem também se veja como agente activo neste rico legado cultural.

Este ano, a colectânea reflecte a riqueza das narrativas que compõem o nosso património cultural. Os dez finalistas da edição do concurso “Ler nas Férias” dispuseram-se a resumir livros editados pela Ethale Publishing, seleccionando obras que dialogam directamente com as suas experiências e aspirações.

Na categoria adolescente, destacam-se “As Madames” de Zukiswa Wanner, “A Greve dos Mendigos” de Aminata Sow Fall, “Gajos Bons” de Ericino de Salema, “O Tempo que Rouba Amores” de Valter Chamo, e “O Hambúrguer que Matou Jorge”, coordenado por Jessemusse Cacinda e Alex Macbeth.

Na categoria jovem, encontramos quatro resumos de “O Retorno do Bom Selvagem” de Severino Ngoenha, e um resumo de “Eleições: Para Paz ou Para Guerra”, coordenado por Duarte Amaral e Inocélio Ussivane.

Com “Ler nas Férias”, procuramos incentivar o hábito da leitura, mas também o reconhecimento da relevância das obras dos nossos autores, contribuindo para a construção de uma identidade literária sólida e autêntica. Esperamos que cada texto desta colectânea inspire outros leitores (as) a envolverem-se ainda mais com a literatura, valorizando as histórias que nos conectam e transformam.

Acreditamos que esta colectânea é um convite à reflexão sobre o nosso papel na sociedade e sobre o poder que as palavras têm de provocar mudanças. Que estas páginas ofereçam conhecimento, inspirem novos caminhos de pensamento e acção entre o público jovem leitor.

Ler é um gesto de lucidez. É recusar a passividade, é escolher pensar quando o mundo insiste em ditar o que devemos sentir. Cada livro que abrimos é uma fronteira que se move uma provocação que nos obriga a olhar de novo para o que julgávamos conhecer. Mas estaremos preparados para o que a leitura nos revela sobre nós próprios? Teremos coragem de enfrentar as ideias que desafiam as nossas certezas, de questionar o que aceitamos como verdade? A literatura não nos oferece respostas fáceis oferece-nos consciência. E é dessa consciência que nascem os caminhos que podem transformar o leitor em bom cidadão, desperto e com pensamento vivo.

Jennifer Banze

Porto, 10 de Outubro de 2024

Introdução

Na busca por compreender os caminhos que a leitura nos proporciona, esta antologia apresenta-se como um espaço de diálogo entre o público jovem leitor e as obras que o inspiraram. *Caminhos da Leitura* é mais do que um simples título; é um convite a explorar as trajectórias, as descobertas e as reflexões que emergem a partir das leituras realizadas pelos dez finalistas do concurso “Ler nas Férias”.

“Ler não nos faz melhores pessoas, mas faz-nos maiores”(Luís Osório) a leitura é um exercício de expansão. Ler não garante virtude, mas alarga o horizonte do olhar. Ao ler, não nos tornamos necessariamente mais bondosos ou justos, mas aprendemos a reconhecer a complexidade do humano, a multiplicidade das vozes e o peso das escolhas. A leitura não nos salva da nossa própria condição, mas dá-nos linguagem para compreendê-la. E é nesse alargamento interior, nesse espaço onde cabem as dúvidas, os outros e o mundo. Ser maior é isso: ser capaz de ver mais longe, sentir mais fundo e pensar para além de nós.

Esta antologia surge como uma extensão da terceira edição do concurso literário “Ler nas Férias”, promovido pela Ethale Publishing, que tem como propósito fomentar o hábito da leitura entre adolescentes e o público jovem moçambicano.

Este ano, o concurso contou com a participação de 304 adolescentes e jovens provenientes de todas as províncias do país, com destaque para a expressiva presença das raparigas, que representaram 45% do total de participantes. As províncias de Maputo Cidade (126), Maputo Província (96) e Nampula (20)

registaram o maior número de inscrições, enquanto Manica, com apenas um inscrito, se destacou pelo seu menor número.

Através deste concurso, desafiámos os participantes a resumir obras de autores africanos e moçambicanos, dando voz a narrativas que reflectem a riqueza da nossa cultura e identidade. Cada resumo aqui presente é mais do que um relato é um testemunho vivo de como as palavras têm o poder de moldar pensamentos e influenciar perspectivas. Os nossos leitores, ao mergulharem em obras como “As Madames”, “A Greve dos Mendigos”, “Gajos Bons”, “O Tempo que Rouba Amores” e “O Retorno do Bom Selvagem”, adquiriram conhecimento, mas tornaram-se parte activa de um legado literário que nos pertence e nos define.

Os relatos dos vencedores, Karen Muvique, na categoria adolescente, e Aniva Joaquim, na categoria jovem, exemplificam bem esta transformação. Karen partilhou: “Nunca imaginei que o meu resumo seria considerado o melhor entre tantos outros. O ‘Ler nas Férias’ permitiu-me expressar o meu pensamento sobre o livro que li, uma oportunidade que não temos todos os dias. Isso só me motiva, e estou determinada a ler e escrever mais. Este é apenas o começo”.

Para Aniva, o prémio representa mais do que uma conquista pessoal: “Este prémio é para todos os jovens que acham que a leitura é uma perda de tempo. Eu estou aqui para provar que ela pode mudar vidas. A leitura não é só conhecimento, é também uma forma de nos conectarmos com o mundo e de nos entendermos melhor.”

As obras escolhidas pelos participantes abordam uma ampla diversidade de temas da identidade, da resistência às complex-

idades sociais e culturais que marcam a vida contemporânea. Essa variedade reflecte as inquietações e aspirações do público mais jovem, reafirmando a literatura como uma ferramenta poderosa para a consciência crítica e a transformação social.

Agradecemos profundamente a todos os participantes do LER NAS FÉRIAS, que fazem deste concurso um verdadeiro sucesso. Esta antologia é um testemunho da importância da leitura na formação de leitores e cidadãos(as) críticos e engajados. É também um convite para que cada leitor e leitora se deixem guiar por esses caminhos, encontrando na literatura não apenas um refúgio, mas um espaço de reflexão sobre o mundo que nos cerca.

Esperamos que Caminhos da Leitura inspire novos passos e novas leituras, levando o público jovem a explorar ainda mais as páginas que nos conectam, provocam e transformam. Que este seja apenas o início de uma jornada contínua em busca de conhecimento e crescimento e que, a cada leitura, possamos continuar a construir um futuro repleto de histórias que ressoam, inspiram e nos tornam maiores.

*Categoria
Adolescente*

Das Ruas à Revolta: A Resistência dos Mendigos de Dakar

Por Olayinka Virgínia

Kéba Dabo é um homem consciencioso, honesto e um verdadeiro trabalhador compulsivo. Foi incumbido de “fazer a ordenação humana”, retirando os mendigos da cidade numa altura em que Dakar ganhava maior adesão de turistas, e a presença de mendigos e a mendicidade podiam ser perturbadoras para os visitantes, uma vez que o turismo tem vindo a enriquecer a economia de muitos países. O seu líder, Mour Ndiaye, sentenciou, sem hesitação, que o seu braço direito acatasse as suas ordens: desta vez, ele não queria nenhum mendigo nas ruas, e assim foi cumprido. Mas os mendigos são portadores de direitos como qualquer outro cidadão. No dia em que, esmagados pelas humilhações, decidem parar com as suas fontes de subsistência, a “mendicidade”, para protestar, afinal também são detentores de direitos.

Os mendigos da cidade de Dakar enfrentam, dia após dia, a opressão, o desprezo e a perseguição por parte das autoridades locais que pretendem expulsá-los permanentemente da capital. O responsável pelo sector de salubridade pública e dirigente do grupo de oficiais encarregados de reprimir, prender e afastar os mendigos (nomeado para esse cargo por certas razões ou ainda “privilégios” políticas), Mour Ndiaye, aspira a chegar ao cargo de vice-presidente da República, não medindo esforços para tal.

Tem como adjunto e confidente pessoal Kéba Dabo, que foi o responsável por expulsar os mendigos da cidade. Serigne Birama é o seu *médium* espiritual, mas para além disso, é também

um grande amigo e conselheiro, espécie de figura paterna para ele. Mour enfrentava uma ocasião difícil, estando desempregado, tendo passado 15 dias na prisão e sido isolado pela própria família, quando conheceu o Serigne. Desde esse dia, nasceu nele uma profunda admiração por aquele velho sábio e experiente, a qual apenas se foi tornando maior com o passar do tempo. Faz-lhe visitas regularmente, oferece-lhe presentes e confia-lhe as suas maiores ambições.

Os mendigos, apesar da condição deprivada em que se encontram, preocupam-se em organizar-se de modo a conseguir realizar reuniões diárias, onde sorteiam um membro do grupo para receber a totalidade da soma angariada dos resultados de uma aposta de cem francos. Salla Niang é a líder deles. Mulher casada e mãe de dois filhos, é também uma “gestora” de “pequenos negócios” e a provedora de um teto e alimento para a sua família. Já trabalhava antes como empregada para um casal de brancos. Gorgui Diop, Nguirane Sarr e Madiabel também são mendigos. Quanto ao primeiro, diga-se que é um excelente actor, pois é óptimo em fazer representações de velhos apaixonados por raparigas, o segundo, um cego engravatado e de colarinho sempre engomado, pese embora imundo. Tem uma personalidade forte e é um tanto radicalista, o terceiro é um ex-ferreiro coxo, que migrou para a cidade na esperança de criar condições para sustentar as suas duas esposas e os seus oito filhos. Estes são apenas alguns dos mendigos

Lolli Badiane é a esposa de Mour Ndiaye. Uma mulher submissa e obediente ao seu marido. Crescera e fora educada dentro de uma família conservadora incapaz de enxergar o verdadeiro valor da mulher, que se estende para além de gerir as panelas

e de satisfazer o seu marido de todas as formas possíveis. Era assim que conseguia manter o seu lar. Mas a sua fantasia de um marido perfeito cai por terra quando, em plena madrugada, Mour interrompe-lhe o sono para informar que “vão dar-lhe uma mulher”. Gorgui Diop perde a vida após um triste ocorrido em confrontação com as autoridades. Frente à crescente violência e descaso sofridos, os mendigos decidem revoltar-se e deixar de sair às ruas, cientes de que a sua ausência iria, de certo modo, prejudicar aqueles que procurassem receber bênçãos divinas através de atos de caridade. Mour Ndiaye torna-se um desses necessitados, pois soube por um dos seus marabutos que tinha de oferecer algo aos mendigos, enquanto estes estivessem espalhados pela cidade. Em desespero, tenta negociar com os mendigos, que se haviam isolado no mato, longe da cidade. Entretanto, acaba por ser ludibriado por eles. No final do processo eleitoral, Mour não é nomeado vice-presidente, pois não cumpriu com as instruções que recebera.

“É preciso livrar a cidade destes homens – sombras de homens, melhor dizendo. A cidade exige ser limpa destes elementos” (2019:11). A grande preocupação das elites políticas, conforme retratadas neste livro, era que os mendigos estavam a colocar em causa o turismo e a livre circulação do “cidadão de bem”, e isso estava a reflectir-se na economia.

A meu ver, a autora também traz neste livro uma ideia da capacidade que as mulheres têm de participar na esfera pública, apresentando ideias sobre como gostariam que as coisas fossem conduzidas na sua cidade, trazendo uma personagem feminina que coloca em causa as ideias de Kéba (outra personagem com a missão de retirar os mendigos da cidade), questionando-o

sobre os problemas que poderiam advir desta vontade de limpar a cidade destes homens tidos pelas elites como repugnantes. A autora chama a atenção para algumas decisões políticas, que muitas vezes são tomadas apenas para agradar ou acomodar os interesses privados das minorias, em vez de pensar no bem comum, referindo-se a como estas decisões podem afectar ainda mais o desenvolvimento da própria cidade ou acarretar consequências que podem colocar em causa o seu equilíbrio em geral. Por isso, no final, o livro descreve uma situação em que os mendigos são solicitados a regressar à cidade, pois eles eram também parte da cidade que despertava interesse nos turistas e investidores estrangeiros.

Entre Raças e Papéis: A Nova Realidade das Madames

por Francisca Wetimane

O livro que escolhi foi “As Madames”, de Zukiswa Wanner, um romance que conta com 207 páginas. As temáticas principais são o feminismo, o metrosexismo, a sociedade pós-apartheid na África do Sul e as desigualdades sociais.

“As Madames” retrata a vida de três mulheres — Thandi, Nosizwe e Lauren — na África do Sul pós-apartheid. As protagonistas são feministas, e o livro explora também aspectos do metrosexismo, principalmente no que diz respeito aos maridos das madames. Wanner usa a literatura como um instrumento de revolução, sugerindo caminhos para reavaliar as desigualdades sociais históricas e imaginar uma nova África do Sul que abrace novas perspectivas e interações para as mulheres.

Thandi, a protagonista principal, é diretora executiva de uma empresa e mantém hábitos tradicionais bastante firmes. Ela é casada e tem um filho, sentindo-se muito feliz com a sua vida, família, amigas e carreira. No entanto, a história começa num momento em que se sente fadigada com as suas múltiplas tarefas de ser profissional, dona de casa, mãe e boa esposa. Nunca gostou da ideia de ter uma empregada doméstica, mas, ao se encontrar em apuros, começa a considerar essa possibilidade, apesar de ter muitas interrogações em relação a isso. Gostava da ideia de ser dona de si e ter tudo sob controle, especialmente porque contava

com um marido genial que a ajudava nas tarefas domésticas, mas apenas quando estavam sozinhos. Quando havia visitas, temiam que estas especulassem que ela tinha dado “Karobela” ao esposo. Assim, Thandi sentia que precisava vestir a investidura de “super-mulher” e gerir todas as actividades sozinha. Até que, num determinado dia, decidiu contratar uma empregada branca, e o drama inicia-se com Thandi entrando em desavenças com a sua amiga Lauren por ter tomado essa decisão.

“Além disso, será muito interessante observar como reagirá a minha vizinha e amiga ‘liberal’ branca, Lauren, que tem uma empregada negra. Encaro isto como um experimento social esperando que possa ajudar a Lauren a ver a sua empregada negra como um ser humano, em vez de ‘uma daquela gentilha’, da qual, ao que parece, a Nosizwe e eu somos exceções.”

A autora defende essa tese pois as mulheres negras enfrentaram uma dupla desvantagem, sofrendo muito durante o apartheid na África do Sul. “Primeiro, devido à cor da pele, em segundo lugar, os papéis de género estavam claramente definidos. O homem ia trabalhar e trazia dinheiro para a renda, propinas e vestuário. A mulher cuidava da casa e dos trinta metros quadrados da sua lavra.” Neste sentido, vi o livro como uma ferramenta transformadora para conceber uma nova África do Sul e propor métodos para corrigir as injustiças sociais do passado. Wanner demonstra que a divisão racial supostamente foi superada, gerando novas oportunidades, relacionamentos e perspectivas para as mulheres. Consequentemente, isso oferece novos insights sobre o papel das mulheres na África do Sul do século XXI e na literatura africana como um todo.

“As mulheres na África do Sul pós-apartheid têm mais poder

do que no apartheid na África do Sul.”

Wanner apresenta uma narrativa criativa que dá nova vida à personalidade feminina na África do Sul pós-apartheid, transcendendo os limites da raça. Este romance excepcional emprega o poder da literatura como um instrumento revolucionário para impulsionar a reavaliação das injustiças sociais históricas, ao mesmo tempo que investiga a intrincada posição da figura feminina na África do Sul. De certo modo, a autora cria com maestria personagens que navegam no reino do trabalho doméstico em subúrbios brancos abastados.

Crônicas do Cotidiano: Verdades e Desilusões em Nossa Sociedade

Por: Genoveva Tembe

“Gajos Bons” é uma colectânea de crônicas já escritas pelo jornalista, jurista constitucional e escritor Ericino De Salema. Nesse livro, o autor aborda o cotidiano da nossa sociedade, defendendo, sobretudo, a liberdade de expressão, que, por vezes, nos priva da nossa própria liberdade, tendo como exemplo a sua detenção.

A 1ª crônica conta a história de um padre católico que ajudava uma povoação após a instalação de uma paróquia, oferecendo missas e catequeses. O padre desmentia uma verdade para não confirmar nem sustentar os boatos que o envergonhavam, mas não pôde escapar da sua vergonha. No dia em que decidiu colocar à prova a sua mentira, passou pela maior humilhação da sua vida.

A 2ª crônica retrata a história do Monkey Style, que conquistou uma garota numa tasca perto do seu trabalho, numa bela tarde. Após ludibriá-la para ir à sua casa, Monkey Style a recebeu com um jantar pouco apetitoso: “Na cabeceira do quarto, um minúsculo pires, com um pão e quatro badjias. Perguntou à garota: ‘Este é o meu jantar?’ Ele respondeu: ‘Sim.’ A moça, desiludida como um cristão que descobre que Deus não existe, olhou para Monkey Style e disse: ‘Você é mesmo uma farsa. Perdi o apetite, tenho que ir para casa já.’ Monkey Style, sem opções, apenas pegou seu jantar e começou a triturá-lo: ‘Desta vez a cena não deu certo’.

A 3ª crônica retrata a história de Icen T, que recebia repetidamente cartas de amor sem remetente, questionando quem seria a misteriosa remetente. ‘Abra-se, desconhecida! Abra-se, desconhecida! Vem daí...’

A 4ª crônica narra a história de um jovem chamado Den, que se mostrava rico em todos os lugares, mas acabou sendo enganado por uma garota em um bar, que lhe roubou todo o salário. Por não cumprir seu horário de trabalho, teve que sair de Nampula a pé até sua terra natal.

A 5ª crônica aborda um jornalista que participava de um seminário regional sobre jornalismo e planejamento urbano. Este jovem tswana comia tudo que havia no quarto do hotel, entrando com pessoas que não faziam parte da equipe, e os serventes enchiam sua geleira, pensando que ele pagaria tudo. Porém, ele não tinha nada além do que restava para voltar para casa, o que lhe custou caro por ser um novato.

A 6ª crônica retrata jovens que vivem sem respeitar, utilizando meios desagradáveis para obter fins “necessários”. Eles se preocupam demais com o famigerado “duplo f”, ou seja, fama e fortuna, esquecendo as ideias de Samora sobre a juventude: ‘a juventude é a seiva da nação’.

A 7ª crônica conta a história de um professor que era o único, na época, com formação superior para lecionar na Escola Secundária Hati Hati. Ele se vangloriava de seu conhecimento, acreditando que nenhum gestor da escola poderia abalá-lo.

A 8ª crônica fala de um casal exemplar, com 15 anos de união, que mantinha uma convivência social agradável. No entanto, quando o esposo presenteou a esposa com um telemóvel, surgiu

uma suspeita surreal de traição, culminando no divórcio. Dubas escreverá um livro após o término com o título: “O celular que provou o divórcio”, que, segundo fontes próximas da editora, estará disponível ao público ao preço de 10 cervejas.

A 9ª crônica retrata um jovem que sustentava todos os amigos no bar, mas, devido a desleixo, foi rebaixado de cargo. Ele passou a ser frequentador da igreja, vivendo como um homem normal e carinhoso com a família, mas, ao ser promovido novamente, voltou a gastar dinheiro sem limites, esquecendo-se da sua família.

A 10ª crônica conta a história de um homem que trabalhava na terra dos rand, mas residia em Moçambique. Ele comprou uma cama que só podia ser montada na sua presença, para não ser corneado na própria cama, uma rotina estranha que adotou.

A 11ª crônica retrata dois velhinhos “bons”, conhecidos na vizinhança. No início, tinham uma refeição equilibrada, sempre com vinho ao lado, mas acabaram se descuidando, consumindo mais bebidas do que comida. Após uma visita ao hospital, o médico prescreveu um remédio que só deveriam consumir se estivessem doentes. A mulher, vendo que não era um gin medicinal, bebeu sem que o marido soubesse, e acabou adoecendo.

A 12ª crônica fala sobre pessoas viciadas em pedir “bips”, atormentando os outros com pedidos, sem se dar ao trabalho de ligar e comunicar o que realmente querem.

A 13ª crônica conta a história de um jovem que tentava impressionar sua pretendente com bens e luxos, esquecendo-se do que realmente importa na construção de um relacionamento amoroso.

A 14ª crônica aborda a relação entre genro e sogro, que eram

próximos e se pagavam bebidas, mas, ao serem pegos em infidelidades, enfrentaram a vergonha e a substituição da aliança.

A 15ª crônica narra a história de uma quarentona que se interessou por um jovem. Isso causou grandes problemas em seu casamento, quando seu marido, que trabalhava na Djoni, veio cobrar explicações sobre a traição.

A 16ª crônica fala de um homem que fingia passar férias na sua terra natal, enquanto estava a 500 km de casa, até ser descoberto pelo filho.

A 17ª crônica relata a história de um menino chamado Max e seus amigos, que se envolveram no roubo de patos. Eles foram descobertos pela dona da casa, que não chegou na hora habitual. Os amigos fugiram, e Max ficou para enfrentar as consequências.

A 18ª crônica retrata um menino envergonhado em público por não ser limpo.

A 19ª crônica fala sobre pessoas que são mortas ou prejudicadas simplesmente por dizer a verdade, dominadas por aqueles que vivem do esforço dos outros. As desigualdades na sociedade são deploráveis e sem valorização dos trabalhadores.

A 20ª crônica narra a história de um menino desobediente, que vivia agradando os amigos e seu próprio ego.

A 21ª crônica fala de uma mãe que teve um pressentimento sobre algo que poderia acontecer. No dia seguinte, seu filho, que trabalha na terra do rand, voltou, mas não trouxe os presentes prometidos, pois foram roubados na viagem.

A 22ª crônica ensina a valorizar nossa nacionalidade e a não ter

vergonha de não ter recursos modernos para fazer músicas, mas sim a orgulhar-se das nossas técnicas.

A 24^a crônica ensina que nem todo mundo é o que aparenta ser e que vale a pena mostrar nossa verdade para evitar desilusões.

A 24^a crônica retrata as dificuldades que algumas pessoas enfrentam por simplesmente falar ou se calar, tornando-se livres de críticas vazias e correndo o risco de perder a liberdade por conta de uma estratégia dos detentores da “verdade”.

A 25^a crônica aborda os discursos típicos dos políticos, que incluem todos no discurso, mas não no agir.

A 26^a crônica nos ensina a valorizar o que muitas vezes nos escapa e reconhecer o trabalho de todos aqueles que contribuem para o crescimento do nosso país, elevando nossa cultura sem exageros.

A 27^a crônica fala sobre aqueles que se orgulham de receber sem trabalhar, impondo ordens que não cumprem.

A 28^a crônica retrata uma discussão entre um moçambicano e um chinês, movida pela preguiça do moçambicano de trabalhar e refletindo a preguiça mental em comparação com o chinês.

A 29^a crônica ensina a fazer bom uso da oração, de forma que agrade a Deus e não incomode o próximo, evitando que se torne um abuso, de modo que as pessoas não se sintam desagradadas. Mesmo em silêncio, podemos fazer nossas preces.

Reencontros e Destinos

Por: Shanaya Yasse Raivoso

O livro “O Tempo que Rouba Amores” é um romance do escritor moçambicano Valter Chamo, publicado pela Ethale Publishing em 2022. A obra possui 10 capítulos, dispostos em cerca de 208 páginas. O autor, Valter Chamo, é um jovem escritor moçambicano e estudante de direito. O livro marca a sua estreia como escritor.

“A chave para uma vida feliz está naquilo que tu decidires agora para no futuro, fazer-te sorrir...” (Chamo, 2022).

Stuart e Lira, duas crianças muito amigas e prometidas ao casamento por suas famílias, ficam separadas e sem contacto durante 21 anos, devido a um desentendimento familiar. No dia da partida de Stuart, ele prometeu que voltaria no dia em que ambos celebrassem os seus aniversários, trazendo o presente que Lira tanto sonhava em ter, que via numa publicidade na televisão. Entretanto, passou muito tempo e Stuart não regressou a Velonna, a cidade onde vivia, nem manteve contacto. Embora decepcionada pelo facto de Stuart nunca ter voltado, Lira mantinha as esperanças e frequentemente regressava ao seu antigo bairro na expectativa de o rever.

Após 21 anos, Stuart decidiu voltar ao seu antigo bairro para rever Lira. No entanto, ela já não vivia naquele local. Decepcionado por não a ter encontrado, Stuart estava a voltar para casa quando, de repente, algo sinistro aconteceu: Stuart foi atropelado. A autora do acidente era Lira, que, como de costume,

decidira voltar ao seu antigo bairro na esperança de rever Stuart. Lira ficou espantada ao perceber que o homem que havia atropelado era Stuart, que trazia o presente que prometera trazer no dia da sua partida para presentear Lira no seu aniversário.

Agora adultos, Lira era advogada e noiva de um homem muito rico, dono de filiais de hospitais na cidade, enquanto Stuart era um pianista talentoso, mas que ainda não havia conseguido destacar-se na carreira. Com o reencontro, a chama do amor reacende em ambos; no entanto, Lira estava noiva de um homem que lhe proporcionava uma vida glamorosa, embora não se importasse com os bens do noivo. Por outro lado, Stuart mal conseguia sustentar-se e acreditava ter poucas oportunidades de conquistar Lira. O status social de ambos era um empecilho para a sua união.

Certo dia, Stuart e Lira reencontram-se e ele leva-a a uma casa misteriosa, seu refúgio, onde havia pintado várias imagens, inclusive uma de Lira quando ainda era criança. Naquele local, Lira derrubou uma caixa cujo conteúdo eram cartas que Stuart tentara enviar para ela, e que Lira também enviara. Descobre-se que as cartas de ambos foram interceptadas pelo pai de Stuart, que as manteve escondidas para que o jovem casal não mantivesse contacto. Ao descobrir que Stuart sempre tentou contactá-la, Lira emociona-se, e a paixão entre eles é reacendida. Nesse dia, vivem uma aventura que termina num clima romântico numa praia. Os dois entendem-se e cogitam a possibilidade de ficarem juntos. Stuart convida Lira para ser sua acompanhante no casamento do seu irmão mais novo.

No dia do casamento, justamente quando Stuart ia buscar Lira para irem juntos, recebeu a visita de um empresário que

lhe queria proporcionar uma *tournee* de música pelo mundo. Era uma oportunidade de alavancar a sua carreira e de viver o seu sonho. O empresário praticamente sequestrou Stuart e levou-o para a viagem. Mais uma vez, ele abandonou Lira sem dar qualquer explicação. Ao ser deixada, ela ficou desolada e maldizia Stuart por ter retornado à sua vida apenas para depois abandoná-la novamente.

Durante a *tournee*, Stuart regressa à sua cidade e tenta convencer Lira a acompanhá-lo. Quando crianças, os dois tinham o sonho de cantarem juntos pelo mundo. Aquela era a oportunidade de realizar esse sonho. Mas Lira reatou o seu noivado e, temendo que Stuart a abandonasse novamente, recusou-se a ir com ele. Stuart seguiu para a *tournee* e, no processo, herdou uma fortuna do seu empresário e amigo John Tarantino, que veio a falecer. Quando regressou à sua cidade, Stuart foi convidado pelo seu melhor amigo para ser seu padrinho de casamento. A madrinha da noiva de Luca, amigo de Stuart, era Lira. No casamento, Stuart e Lira reencontram-se, e ele descobre que ela já era mãe. Pensando que o filho era de Eduardo, o esposo de Lira, Stuart desolado foi embora.

Tempos depois, Lira revela à sua filha Esperança que, na verdade, ela era filha de Stuart e que escondeu isso dele, arrependendo-se muito por ter escolhido ficar com Eduardo em vez do amor da sua vida, Stuart. Na ocasião, ela contava a sua própria história à filha para elucidá-la sobre a importância de fazer as escolhas certas para ser feliz, independentemente do julgamento social que possa sofrer.

É um livro cativante, que aborda como principais temáticas o amor e a felicidade. O livro destaca a importância de fazer as

escolhas certas sem hesitar. Elucida que ter uma vida luxuosa não significa ser feliz. Eduardo proporciona tudo o que Lira queria, mas ela não era feliz com ele. Pelo contrário, amava Stuart, com quem encontrava carinho, atenção, espírito de aventura e companheirismo coisas que admirava. Ela escolheu o marido rico, mas, no fim, arrependeu-se, pois não alcançou a felicidade que desejava. Além da temática do amor, o livro é repleto de cenas de acção que levam o leitor a imaginar as situações retratadas. Outro toque especial é o facto de conter muito sarcasmo e envolver também a música, com inserções de trechos de clássicos e contemporâneos que reflectem aquilo que os personagens estão a vivenciar naquele momento.

“Há apenas uma regra para ser feliz com a pessoa dos teus sonhos: diz, grita, se for necessário canta; de qualquer jeito as pessoas vão julgar, então nada mais importa além de ti e da pessoa. A mensagem deve chegar... Luta para que a mensagem chegue... Como diz o ditado: Erramos cem por cento dos tiros que não disparamos. Dê o primeiro tiro; se falhares, ao menos terás a história para contar” Valter Chamo.

Sabores da Criminalidade: Contos de Moçambique

Por: Karen Muvique

O Hambúrguer Que Matou Jorge é uma antologia de contos criminais composta por quinze narrativas. Embora a maioria seja em prosa, três contos são ilustrados e um é em banda desenhada, apresentando, em geral, finais atípicos, sem um desfecho feliz. Dentre os crimes referidos na antologia, encontram-se crimes cibernéticos, incitamento ao ódio e à violência, profanação de corpos, entre outros.

Compilada em 127 páginas e editada pela Ethale Publishing, sob a coordenação de Alex MacBeth e Jessemusse Cacinda, em 2017, a antologia resulta de um trabalho que visa impulsionar a escrita de contos criminais alinhados com as vivências da sociedade moçambicana. Esta inclui a insatisfação da população perante a ineptidão da polícia em combater a crescente onda de crimes e uma variedade de temas e enredos, todos proporcionando a tensão característica dos conflitos entre os personagens.

Na antologia, são narradas cenas que violam os direitos humanos e fundamentais. Pode-se constatar a violação do direito à liberdade no conto XII (Na Pátria da Catana), onde pai e filha são violentados. O atropelo a esses direitos é também narrado no conto II, onde o Agente Siteo, furtando-se ao seu trabalho, procura alguém a quem atribuir a culpa em vez de investigar os factos, na busca pelos verdadeiros “homens catana” de Maxaquene, realizando detenções abusivas, arbitrárias e extrajudiciais.

No conto **A Morte de Bartolomeu**, está patente a violação

do princípio de igualdade e do direito de ser, uma vez que o albino morto, motivado pela crença de que órgãos de albinos podem trazer riqueza ou curar certos males, contraria o conceito kantiano de que “a pessoa humana é concebida como um fim em si mesma”, ou seja, as pessoas devem ser tratadas como tal e não como objectos destinados a satisfazer as vontades de outros.

A realidade moçambicana é retratada pelos autores em enredos que vão desde homens traindo suas esposas, com estas a espiar aqueles, até a promessa de uma vida melhor na grande cidade, invariavelmente desaguando no contrário. Actos anárquicos, crimes de “colarinho branco”, pura ladroagem e mortes injustificadas tudo isto contribui para uma literatura noir que pretende mostrar que Moçambique também merece estar na ribalta da literatura do género de ficção criminal.

No enredo, onde as vítimas do crime, apercebendo-se de que não podem recorrer às autoridades para restaurar a ordem pública, acabam fazendo justiça com as suas próprias mãos para evitar que, no dia seguinte, haja outra vítima, que seu sono seja interrompido pela madrugada por um ladrão, ou que o corpo de uma menor seja cruelmente utilizado, os autores levam o leitor ao teatro da vida moçambicana. A farsa, comédia, drama e tragicomédia servem, por um lado, como catalisador para o gosto pela escrita e leitura de obras literárias do género, e por outro, como um grito denunciando o crime e, ainda, como uma catarse social para expurgar o mal colectivo, já que se pretende fazer parecer que o criminoso está impune e que a lei e a ordem, coitada, não sabe o que fazer ou, lamentavelmente, está castrada, ou mais ainda, criminosamente cúmplice.

Concluindo, a antologia, sabiamente coordenada por Alex

MacBeth e Jessemusse Cacinda, capitaliza na força do narrador, seja em primeira ou em terceira pessoa, falando o “tuga” local ou malangateando a tela supersticiosa da terra, como por exemplo, “Yá, vamos, trago uma mola aqui comigo” ou “...afirmavam que os cabelos dos albinos davam muita sorte na pesca e nos negócios”, respectivamente. Isso transforma o leitor em um telespectador revendo o filme quase do dia-a-dia, utilizando a tradicional onisciência dos personagens menores e o discurso, a ação e a consciência, em linguagem direta para os protagonistas principais. E, magicamente, a alegoria trazida pelo epónimo **O Hambúguer Que Matou Jorge** traduz a moçambicanidade contida na expressão *a wanuna afa hi nomo* (o homem morre pela boca), pois muitos dos contos aqui relatados indicam que o crime é motivado pela procura de melhores condições de vida, vulgarmente dito “procura de comida”, o que se espera, quiçá, que deixe de o ser... um dia!

Categoria Jovem

União ou Morte: A Luta pela Sustentabilidade em África

por Agostinho Maungue

A filosofia reflecte a totalidade do real, e é nesse sentido que o problema ecológico ganha enquadramento como objecto de reflexão, sobretudo por ser uma questão que, ao longo do tempo, só aumenta o seu valor de actualidade enquanto objeto de debate. Ademais, não se trata de um problema meramente ecológico, ele está intrinsecamente ligado a questões económicas, políticas, sociais e culturais. Ou seja, o problema ecológico se faz presente de diversas formas na vida de cada ser do planeta.

O desenvolvimento ocidental foi alcançado, sem dúvida, à custa de uma agressão brusca à natureza. Mais do que isso, é importante perceber que essa agressão, mesmo tendo beneficiado o Ocidente, não se circunscreveu às delimitações geográficas ocidentais, mas sim globais, com um enfoque especial na África. Desde sempre, a busca pelo desenvolvimento ou pela redução da dependência da natureza levou o homem a não perceber o impacto que isso teria no meio em que vive.

Biologicamente falando, o impacto que o homem exerceu sobre a natureza parece justificável quando se considera a insuficiência que ele possui. O homem, em certo sentido, é um ser incompleto, e por isso busca incessantemente meios de se completar. O homem africano, mesmo diante do problema ecológico, propõe-se a alcançar o desenvolvimento conquistado pelo Ocidente, mesmo que isso signifique enfrentar um dilema

com a questão ecológica.

A África deve adotar medidas de desenvolvimento que não prejudiquem a natureza. Para isso, é preciso que as políticas sejam universais. A ideia africana de desenvolver-se com uma certa exploração da natureza é, ao mesmo tempo, um meio de escapar da dependência ocidental. Vários filósofos africanos e africanistas têm desenvolvido estratégias para um projecto de desenvolvimento filosófico e técnico na África. Acredita-se que o ser humano se guia pela ciência, e que nenhum povo se orgulha de ser dependente da natureza. Todo ser humano se orgulha da civilização, que cria formas de viver e facilitar suas vidas através da ciência e da técnica. Portanto, o africano não está refém disso e, em primeira instância, busca se igualar à natureza, e em segunda, procura superar a mãe natureza, chegando ao ponto de questioná-la (destruí-la). O homem não luta para desenvolver a natureza, mas para desenvolver a si mesmo, acreditando que alcançou o desenvolvimento quando não depende exclusivamente da natureza para viver.

Posicionar-se em relação aos problemas ecológicos significa agir de tal forma que não ponha em causa a vida das gerações futuras. Nesse caso, é necessário usar a ciência e a técnica não para o mal, mas para preservar a primeira/mãe natureza. A exploração da natureza altera até mesmo o tipo de sociedade, que passa a ser determinada não mais pela natureza, mas pelas invenções humanas na corrida pela independência. Assim, a África depara-se com um problema duplo: enquanto busca libertar-se da dependência ocidental, deve também superar a dependência da natureza.

É verdade que a exploração da natureza permitiu o

desenvolvimento do homem, mas também não é falso que colocou em risco a própria sobrevivência humana. As vantagens são desfrutadas pelas elites, enquanto as desvantagens são compartilhadas com os demais povos, sendo que os mais desfavorecidos são os que mais sofrem as consequências. Todos somos chamados a um exame de consciência sobre as nossas ações em relação à natureza; afinal, mais do que um problema ecológico, trata-se de um problema moral que não afeta apenas o homem do presente, mas também impactará o homem do futuro. Velar pelo bem-estar da natureza hoje é, portanto, velar pelo bem-estar das gerações vindouras. Contudo, isso não implica sacrificar as gerações atuais sob o discurso de preservar as gerações futuras.

O discurso de salvaguardar o homem do futuro é frequentemente considerado universal, mas, na sua essência, é um discurso do Norte. Assim, o homem do Sul deve adotar medidas que não se limitem a teorias ou a modelos ocidentais copiados de forma descontextualizada. É necessário traçar estratégias que reflectam o modo de ser dos africanos. Isso passaria necessariamente pela adoção dos ideais outrora defendidos por pensadores como Du Bois, que promovem a unificação dos povos africanos. Afinal, só temos duas opções: união ou morte. Não se trata de um isolamento do africano, mas de assumir um posicionamento genuinamente africano, de modo a desenvolver uma identidade colectiva e uma vontade própria, sendo capazes de impor políticas globais como povo.

Caminhos de Esperança: A Consciência Ecológica Africana

por Pedro Mucheu

Neste livro, Severino Ngoenha aborda o problema ecológico, um desafio real e actual provocado pelos países do Norte, ou seja, os chamados “países do primeiro mundo”. Um dos pontos centrais deste problema é a destruição da camada de ozono, que ameaça a existência humana. Ngoenha defende que, além da destruição da camada de ozono, também temos de suportar as descargas de lixo tóxico no meio ambiente, que nos ameaçam asfixiar. Em nome do desenvolvimento dos países do primeiro mundo, desde que a ciência e a técnica foram conhecidas, o homem civilizado tem agredido a natureza. Assim que a natureza revida, o Norte vê-se em apuros e convoca os países do terceiro mundo para combater um problema ecológico que eles próprios não provocaram. Aliás, os países do Sul foram excluídos da agenda de desenvolvimento e é justamente em nome deste desenvolvimento que surge o problema ecológico. Quando o assunto é o bem-estar, desenvolvimento e riquezas, os países do primeiro mundo esquecem o terceiro mundo, mas quando se trata de desgraças e problemas, convocam os “Tarzans”, os futuros “bons selvagens” ou simplesmente os africanos para estancar a crise. O problema é que, se os países do terceiro mundo aceitarem esta agenda rígida do Norte para mitigar o problema ecológico, ficam impedidos de se desenvolver em todos os níveis, pois não podem transformar a natureza,

ou seja, manter a floresta africana intacta. Em outras palavras, não podem fazer o que eles fizeram para se desenvolver, condenando-nos a ser aqueles que Ngoenha chamou de “Tarzans” ou “bons selvagens”.

Ngoenha traz ao debate também a “segunda natureza”, que se refere às transformações protagonizadas pelo homem na natureza. Visto que o homem, diferentemente dos outros animais, encontrava-se na primeira natureza desprovido de qualidades naturais, a sua sobrevivência deveu-se ao saber empírico, técnico e moral que adquiriu ao longo do tempo. Além disso, afirma que a primeira natureza diz respeito ao ordenamento natural, onde o homem não usava métodos científicos para explorar a terra, baseando-se apenas em técnicas que não eram bruscas para o ambiente, seguindo meramente o ciclo natural. A segunda natureza diz respeito ao mundo industrializado e à técnica; nesta, o homem cria mecanismos de maior exploração em curto espaço de tempo. Ngoenha avança descrevendo a visão africana em relação à natureza e à cultura, identificando uma diversidade cultural africana que, nessa diversidade, apresenta uma convergência em relação à natureza. Isto é, o africano concebe a natureza como um ser, por isso não vê a necessidade de mutilá-la, ao contrário do Ocidente, onde a razão é helénica, emocional, compassiva e intuitiva, o que leva à compreensão da natureza em vez da sua dissecação.

Assim, Ngoenha discute a questão do Ocidente e da técnica, argumentando que o Ocidente se serviu da técnica para agredir a natureza. Ou seja, com a técnica, o homem tornou-se um agressor prepotente e um explorador exigente, esvaziando a natureza de todos os seus recursos. A África, face aos impasses

da modernidade ocidental, desempenhou um papel subalterno, sendo simplesmente um meio que o Ocidente usou para alavancar a sua economia, uma economia capitalista que sobrevive à base da técnica. Assim, sem nenhum tipo de poder, a África teve de se adequar aos problemas ou impasses da modernidade do Ocidente. O preço da modernização é evidente, pois os valores universais como a liberdade, igualdade, autonomia individual e democracia, entre outros, são conceitos ocidentais. Portanto, se a África estiver disposta a ser moderna, tem de jogar o jogo criado pelo Ocidente. No capítulo VIII, estabelece um debate em torno da exclusão da África quando se trata da partilha de riquezas, sendo solicitada a partilhar os problemas ecológicos provocados na aquisição dessas riquezas das quais não usufruiu.

Mais adiante, Ngoenha fala da África e da ecologia, argumentando que o africano possui uma consciência ecológica natural, pois não transforma a natureza por meio da técnica. Isto é, os africanos tratam a natureza como um ser com direitos iguais aos dos homens. Portanto, uma vez que enfrentamos um grande problema ecológico provocado pelo Norte com a sua racionalidade e técnica, não deveria caber aos destrutores da natureza a sua defesa e restauração, mas sim aos africanos. No último capítulo deste livro, Ngoenha fala da longa marcha africana na tentativa de o povo africano se afirmar como gente digna diante do Ocidente, em áreas como a política, economia e cultura. Apesar disso, os africanos falharam miseravelmente, pois as filosofias do Norte não se enquadram no contexto africano. Ngoenha adverte para que não se copiem ou sigam as políticas do Norte; devemos desenvolver à nossa maneira, usando a razão e a solidariedade como pilares do desenvolvimento completo e autónomo da África. Neste caso, temos de nos unir, ou morreremos todos.

Paz ou Guerra: Desafios da Democracia em Moçambique

Por: Óstel Mangujo

Esta obra é um convite à reflexão sobre a violência antes, durante e depois dos processos eleitorais em Moçambique. As principais ideias giram em torno do conflito como elemento relevante e característico da democracia moçambicana, a consideração do voto eletrónico diante das novas formas de vida na era digital, e a inclusão e a educação como paradigmas na criação da paz. As eleições, em Moçambique, são “para Paz ou para Guerra”? Mais do que dizer SIM ou NÃO, Amaral e Ussivane mostram que, mesmo com o fim da guerra e a instauração de uma democracia multipartidária, ainda prevalece a violência eleitoral, que mina a materialização da paz efectiva. Sabendo que as eleições são a base do Estado de direito, da coesão e da estabilidade política, os conflitos acabam por manchar o papel estabilizador das eleições. Por causa disso, as eleições são vistas como um meio para o preenchimento de relatórios internacionais, a fim de justificar a existência de um processo aparentemente democrático, escondendo um governo autoritário e arrogante, que manipula os resultados eleitorais por intermédio de votos falsos, troca de urnas com a conivência da polícia e de alguns membros das mesas de voto e, acima de tudo, privilegia o controle da máquina estatal.

Amaral e Ussivane apresentam o processo eleitoral moçambicano, desde 1994 até 2019, que tem sido marcado por diversos casos de acusação de fraudes, recusa na aceitação dos resultados

por parte da oposição e outras situações conflituosas. Uma alternativa que a oposição pode adotar, com vista a fazer frente ao regime no poder, é considerar uma coligação entre a RENAMO e o MDM, visto que uma oposição coesa tem melhores chances de alcançar resultados extraordinários e até ganhar um número significativo de autarquias. Porém, aliado à falta de preparo, fraqueza e despreocupação da oposição em melhorar a vida dos moçambicanos, o entrave reside na falta de vontade e na ambição desmedida que caracteriza a maior parte dos detentores de cargos de tomada de decisão, principalmente os políticos, colocando-nos ao risco de uma nova retoma ao conflito.

Os autores tratam igualmente da tolerância política como uma variável chave numa sociedade democrática, o que pressupõe conviver com ideias diferentes e vencer aquela que melhor conquistar o povo. Isto é, nem todo o pensamento de discórdia é sinónimo de destruição, pois há conflitos cuja intenção é a defesa dos direitos humanos. Assim, a existência de vários partidos não deve ser tida como uma ameaça à estabilidade da democracia moçambicana, uma vez que o conflito de manifestos não é inimigo do processo eleitoral e do desenvolvimento da democracia; muito pelo contrário, é uma forma de exaltação da mesma. Se quisermos que as eleições ofereçam a paz efectiva, devemos considerar a participação e a inclusão como elementos importantes, pois o motivo de tropeço da democracia reside no sentimento de que a oposição é desesperançada, fraca, sem ideologia, e que os políticos estão assentados nas bancadas para cumprir os próprios interesses partidários, incapazes de produzir ideias que conduzam ao desenvolvimento. Ademais, o problema da inclusão é estrutural, pois a democracia parlamentar fica condicionada à tirania da maioria.

Os autores lembram-nos que o voto da maioria, a existência de membros de oposição e até mesmo uma constituição pluralista não são, por si só, indicativos de uma democracia inclusiva. Uma democracia efectiva inclui a participação plena do outro, descentralizando os poderes e construindo uma estrutura para a realização de eleições pacíficas, em que o resultado final seja: “o povo moçambicano como vencedor”. Sabendo que a democracia também é punitiva e movida por politiquices, o texto sugere que os partidos devem perder o direito de fazer campanha eleitoral, devendo os seus feitos, durante o mandato, falar por si.

No final, de forma sublime, os autores afirmam que a qualidade de uma democracia não depende apenas dos partidos políticos e dos governantes, mas também do povo, que pode, inclusive, contribuir para o colapso da democracia. De que maneira? Quando não é consciente das decisões que toma; quando é passivo à violação dos direitos e liberdades dos cidadãos; e quando, sobretudo, se opõe à participação política e à tomada de decisão. Por isso, soluções como a coligação e o voto eletrónico só serão efectivas com o desenvolvimento de uma educação política e da conscientização dos cidadãos, para que sejam agentes activos, capazes de pensar e agir. O povo fala por si quando é consciente da sua liberdade e responsabilidade no voto.

Logo, percebemos que o papel da comunidade internacional não elimina as lacunas deixadas por um povo inconsciente e um poder judicial alienado. Por um lado, os tribunais, várias vezes, têm julgado matérias de procedimento, ignorando as matérias de facto. Por outro, as ONG deparam-se com a questão da vinculação das suas decisões e recomendações nas missões de

observação eleitoral, tornando-se incapazes de evitar eventuais conflitos. Não há eleições perfeitas, mas a clareza nas regras do jogo, a prestação de contas, a igualdade, a liberdade e a possibilidade efectiva dos partidos realizarem o processo eleitoral e, no final, o eleitor escolher quem achar melhor, tornam-se, com certeza, um imperativo para que as eleições conduzam à paz.

A Ecologia na Perspectiva Africana: Reflexões de Severino Ngoenha

por Elias Herculano Mungambe

A obra em análise situa-se na época contemporânea, devido aos problemas ecológicos causados pelo rápido desenvolvimento da técnica e da ciência. Todavia, explora outras épocas para entender as vicissitudes da presente era ligadas às questões da globalização. O Retorno do Bom Selvagem: uma Perspectiva Filosófica-Africana sobre os Problemas Ecológicos, da autoria de Severino Elias Ngoenha. E, porque o mundo está constantemente a registar problemas de natureza ecológica, o autor vê a necessidade de reflectir de forma filosófica: “A filosofia ocupa-se dos problemas gerais, nos quais está implicada a humanidade inteira. Traduzido em problemas de ‘hoje’, a filosofia ocupa-se da ecologia, do desemprego e da divisão norte-sul”.

A necessidade do autor em reflectir sobre a ecologia surge do entendimento de que a filosofia se ocupa dos problemas que apoquentam o homem no tempo e no espaço em que se encontra inserido. O autor vê a necessidade de reflectir filosoficamente sobre este fenómeno no contexto africano. Visto que o problema ecológico periga a vida de todos os indivíduos na face da Terra, Ngoenha faz esta abordagem enfatizando ainda mais o Terceiro Mundo. Porque os pobres são os mais solicitados a carregar os problemas dos ricos, e neste caso, os desequilíbrios ecológicos dos países ricos. “Se a África e o Terceiro Mundo tiveram de aceitar as descargas tóxicas e nucleares, tiveram que manter florestas e animais em nome do equilíbrio ecológico”.

A partir dos anos trinta-quarenta, a técnica é acusada de es-

capar ao controlo do homem e de atentar contra a sua liberdade. “O homem fez a máquina e a máquina tornou-se homem”. O paradigma técnico defende que tudo o que se pode fazer deve ser feito; a técnica cria novos valores e desenvolve o mundo inteiro. Na época tecnológica, a relação entre o homem e a natureza inverteu-se: de servo da natureza, o homem tornou-se patrão astuto, um agressor prepotente e um explorador exigente, que agride e esvazia: ferro, carvão, petróleo, minas, água e ar. Tornando-se assim um explorador selvagem da natureza, as consequências que podem advir são, no entanto, catastróficas, dado que provocam uma crise energética muito grave e tornam incerto e obscuro o futuro da humanidade. Mediante esta usurpação, é necessário perguntarmos: afinal de contas, qual é o lugar do homem na natureza?

Por um lado, a técnica não representa um sector da atividade social, simbolicamente subordinado, mas tornou-se o elemento organizador de uma das vertentes das relações sociais, a divisão do trabalho com a cibernética, que diz respeito a máquinas que exercem actividades humanas. Por outro lado, a sua influência inscreve-se no quadro de um conflito simbólico entre valores de igualdade e liberdade, por um lado, e de hierarquia, por outro.

O Ocidente viu-se superior aos países do Sul, sendo este selvagem, não merecendo valor algum. A modernidade veio alterar a forma de produção com o surgimento do capitalismo, visto que a ciência e a técnica aparecem com o objetivo de salvar o homem da dependência da natureza, surgindo assim a ocidentalização do mundo, onde o africano viu-se obrigado a subordinar-se à hegemonia ocidental através da ciência e da técnica. Ngoenha mostra que, quanto mais o africano tendia a

globalizar-se pela ciência e técnica ocidental, mais se entregava à submissão destas potências hegemónicas da ciência tecnológica. “Quanto mais a África se lançava no processo da imitação cega da modernidade ocidental, mais as desigualdades sociais no seu seio aumentavam, e mais ela se asfixiava no processo infernal e crónico da dívida e da dependência sem esperança de libertação”. Nos finais do século passado, os afro-americanos viram-se confrontados com uma situação que os tornava mais inferiores, onde perdiam estigma e viam-se como seres sem estatuto humanitário, sentindo-se obrigados a voltar à África.

Ngoenha traz uma visão perspectivista do futuro, no sentido de que, se os africanos não forem capazes, num futuro próximo, de impor uma visão e uma vontade africana na política e na economia mundial, é melhor que nos preparemos para voltar a ser bons selvagens, a ser novos Tarzans. A escolha que temos diante dos olhos é simples na sua dramaticidade e na sua incondicionalidade: união ou morte. Ngoenha socorre-se a Claude Lévi-Strauss, afirmando que, nos povos ‘primitivos’, a natureza tem sempre um carácter ambíguo. A natureza é pré-cultural e sobrecultural, mas, sobretudo, é o lugar onde o homem pode esperar entrar em contacto com os antepassados, os espíritos e os deuses.

A Terra em Crise: Filosofia Africana e os Desafios do Norte e do Sul

Por: Aniva Joaquim

A obra “O Retorno do Bom Selvagem”, de Severino Ngoenha, está dividida em dez partes e propõe repensar os problemas do nosso tempo, como a ecologia, o desemprego e a divisão Norte-Sul, numa perspectiva filosófica africana. Na primeira parte, aborda-se a Segunda Natureza. O homem, naturalmente desprovido de qualidades naturais, contrariamente aos outros animais que estão equipados para viver em equilíbrio ecológico, estabelece uma relação com o mundo através de mediações simbólicas e técnicas. Assim, produz utensílios e instrumentos que se tornam um prolongamento separado do seu próprio corpo.

A segunda parte reflecte sobre a Primeira Natureza e a Segunda Natureza (cultura). Na Primeira Natureza, a natureza é pré-cultural e sobre-cultural, um espaço onde o homem pode entrar em contacto com os antepassados. As sociedades ocidentais, por sua vez, estão submetidas às relações entre a coletividade e o seu habitat, à acumulação de poder e riqueza. Assim, as sociedades emergentes baseiam-se na ciência e na técnica, onde a questão natural substitui a questão social, fazendo com que os problemas sociais se tornem naturais.

Na terceira parte, discute-se a Visão Africana da Relação Natureza-Cultura. A partir da Segunda Guerra Mundial, o pensamento africano começa a afastar-se de uma visão mística da natureza, orientando-se para uma perspectiva instrumentalista. Ngoenha cita figuras como Senghor, Ndaw, Soyinka, Towa e Nkrumah. Senghor defende que a libertação cultural é condição

prévia para a libertação política, definindo cultura como a maneira de cada povo sentir, pensar, exprimir-se e agir. O pensamento africano atual visa libertar o homem africano e reencontrar a sua capacidade criativa, com o projeto de autodeterminação passando pelo domínio da ciência e da técnica.

Na quarta parte, o autor discorre sobre O Ocidente e a Técnica. A partir das décadas de 30 e 40, inicia-se no Ocidente um processo sistemático de crítica à técnica, acusada de escapar ao controle humano e de atentar contra a liberdade. A técnica hodierna estende-se a todos os domínios, eliminando o que não é tecnizável. Na era tecnológica, a relação inverte-se: o homem, antes servo da natureza, transforma-se em agressor e explorador.

A quinta parte trata da África face aos Impasses da Modernidade Ocidental. A filosofia africana representa um esforço sociológico de adequação a um “status quo” já teorizado. A técnica, resultado do desenvolvimento simbólico da civilização ocidental, não pode ser condenada sem questionar a modernidade.

Na sexta parte, sobre África e a Modernidade, Ngoenha cita Kant, afirmando que a filosofia moderna transformou radicalmente a concepção do homem, que passou a ocupar o lugar deixado por Deus e a dominar a natureza. A sétima parte discute O Preço da Modernização. Muitos intelectuais tendem a ver os valores universalistas como verdades absolutas, omitindo uma componente essencial da modernidade. O mercado e a tecnociência tornam-se pontos de referência universal.

Na oitava parte, trata-se da Filosofia Africana e a Modernidade. A filosofia sempre tomou posições em relação aos problemas do seu tempo, como desemprego e divisão Norte-Sul. O efeito de

estufa, as chuvas ácidas e o buraco na camada de ozônio afetam principalmente os povos mais pobres. Assim, as soluções não podem ser meramente economicistas ou liberais, sendo necessária uma visão mais humana.

Na nona parte, o autor reflecte sobre África e Ecologia, apontando que o problema ecológico está intimamente ligado à pobreza mundial. Para mudar essas perspectivas catastróficas, é imprescindível alterar as relações económicas entre o Sul e o Norte.

Por fim, a décima parte debate A Longa Marcha Africana. Quando os afro-americanos enfrentaram uma situação insustentável, voltaram-se para as suas origens africanas, buscando suas raízes culturais e negando a assimilação. O futuro da África depende da coesão, solidariedade e confiança recíproca. Se não conseguirmos impor uma visão africana na política e na economia mundial, poderemos nos ver obrigados a voltar a ser “bons selvagens”, os novos “Tarzans”.

Biografia

Agostinho Maúngue Júnior

Nasceu no dia 1 de julho de 2001 na Cidade de Maputo. Actualmente estuda Ciências Policiais na Academia de Ciências Policiais (ACIPOL), em Michafutene, Maputo. Anteriormente, dedicou três anos ao curso de Filosofia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Apaixonado pela leitura, Agostinho explora o campo da literatura, filosofia e ciências policiais. Na sua perspectiva, essas áreas oferecem uma visão ampla sobre o comportamento humano, questões éticas e o papel da segurança pública, reforçando seu compromisso em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e segura.

Aniva Joaquim

Um jovem moçambicano, nascido aos 12 de Maio de 1999, no distrito de Nhamatanda, província de Sofala. Estudante Universitário, formando em Filosofia na Universidade Eduardo Mondlane.

Em 2018, cursou Inglês Básico no Instituto de Formação Profissional MAZANO, em sua terra natal.

Em 2021, movido pelo amor à leitura e interculturalidade, escreveu e publicou o texto intitulado “Cultura, língua e comunicação”, que visa, exclusivamente, promover políticas e práticas que estimulam a interação, compreensão e o respeito entre diferentes culturas e grupos étnicos.

Conquistou a primeira posição no Concurso Literário “Ler nas Férias”, edição 2023 - 2024, promovido pela Ethale Publishing.

Actualmente, exerce funções como professor particular, lec-

cionando Língua Inglesa para iniciantes, e auxiliando na elaboração de trabalhos acadêmicos.

Herculano Munguambe

Moçambicano, nascido a 03 de Julho de 2000, Natural de Maputo. Um eterno aprendiz, Licenciado em Filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane, apaixonado pelas letras e tecnologia. Vencedor da segunda posição do concurso ler nas férias, 3ª edição de 2024. Atualmente Empreendedor e Investigador independente.

Genoveva Lúcia Tembe

É moçambicana, nascida a 12 de julho de 2006, natural da Cidade de Maputo.

É estudante universitária na Universidade Pedagógica de Maputo, onde se forma em Psicologia Social e do Trabalho.

Amante de livros desde a infância, a leitura sempre foi, e continua a ser, o seu maior hobby.

Foi 4.ª classificada no concurso “Ler nas Férias” (categoria Adolescente), promovido pela Ethale Publishing, tendo apresentado o resumo do livro “Gajos Bons”, da autoria do escritor moçambicano Ericínio de Salema e publicado pela Ethale Publishing.

Karen Muvique

Nasceu a 31 de Julho de 2006 em Moçambique na cidade de Maputo, filha de Leonete Mate e ALbino Muvique e irmã de Marlene Muvique e Semy Muvique.

Em 2011 ingressou na escola primária, tendo frequentado a Escola Primária Estrela do Oriente e ingressou para a escola Secundária em 2018. Em 2023 participou da iniciativa Shine Mozambique promovido pela Girl move academy, como uma Star(mentorada), no mesmo ano participou do programa de intercâmbio Korea-Konnect sob auspícios da International Youth Fellowship(IYF), no mesmo ano ingressou no Projecto Universitário promovido pela Igreja Universal do Reino de Deus, um projecto que visa incentivar os jovens a frequentar a escola . Em 2024 participou do concurso Ler nas Férias, um iniciativa da Editora Ethale publishing, tendo sido a primeira classificada na categoria adolescente.

Actualmente vive no bairro de Guava, é amante de fotografia, moda e confeitaria.

Olayinka Virgínia Mussafo Cunha

Nasceu a 21 de novembro de 2006, na cidade de Maputo, Moçambique. Frequentou a Escola Santo António da Polana e o Colégio Kitabu, durante os ensino básico e médio, respectivamente. Formou-se pela Escola Nacional de Música, onde aprendeu a teoria e prática musicais e a tocar alguns instrumentos, com destaque para o clarinete, sua especialidade. Formou-se também pela Escola de Culinária Assma, em culinária de 1^o Grau. Actualmente, é estudante de Direito na Universidade Eduardo Mondlane. É também recém-integrada ao projecto Xiquitsi e é membro da orquestra simpatizante do grupo coral “Os Querubins”.

Nos tempos livres, ama dedicar-se aos livros, à culinária, aos filmes, à música e de modo especial aos momentos com a família e amigos.

Óstel Mangujo

Nasceu em 3 de maio de 2003, mas considera que nasceu duas vezes: a primeira, no seu nascimento físico, e a segunda, em 2022, quando teve uma experiência transformadora ao receber Jesus Cristo. Formando em Ciência Política pela Universidade Eduardo Mondlane, tem interesse nas áreas de finanças autárquicas e políticas públicas. Atualmente, dedica-se no ministério na IEFVM e é instrutor de inglês no Albert Language Learning Center. Co-autor da obra «Batalhas Líricas e a Fé Cristã», também atua como articulista ocasional e se diverte explorando o lado engraçado e intelectual da escrita alheia.

Pedro Maheu

Nascido na cidade da Beira, província de Sofala, a 27 de dezembro de 1999. Viveu na Beira desde a infância até ao início da juventude, tendo posteriormente, em 2022, migrado para a cidade de Maputo para dar continuidade aos seus estudos universitários.

É licenciando em Filosofia pela Universidade Eduardo Mondlane. Leitor voraz desde 2016, leu inúmeros livros e artigos de diversos autores e géneros. As suas preferências literárias inclinam-se para obras de natureza científica e filosófica, embora também aprecie romances.

Começou a escrever em 2023, movido pela necessidade de produzir um trabalho em forma de livro com ideias originais e inovadoras. Muitos dos seus escritos ficaram inacabados, tendo sido posteriormente abandonados ou eliminados. Actualmente, trabalha num livro que, se Deus quiser, será futuramente intitulado “Países do Terceiro Mundo: Uma Radiografia do Wakafiri”.

Shanaya Yasse Lucas Raivoso

Chamo-me Shanaya Yasse Lucas Raivoso, tenho 16 anos de idade, sou natural de Maputo e resido em Inhambane. Actualmente, frequento a 11.ª classe e sonho em formar-me em Medicina. Desde criança, sempre senti uma forte inclinação para cuidar das pessoas, o que despertou em mim uma profunda paixão pela área da saúde.

Acredito que, através da medicina, posso tornar-me um instrumento de Deus, ajudando a tratar e curar doentes, levando alívio e esperança a quem mais precisa.

Nos meus tempos livres, gostava muito de dançar, mas, recentemente, descobri uma nova paixão: a leitura. Essa descoberta aconteceu depois de me tornar uma das vencedoras do concurso “Ler nas Férias”, uma experiência que transformou a minha forma de ver o mundo.



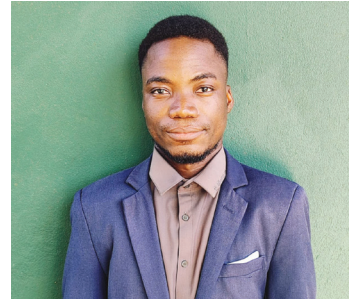
Genoveva Lúcia Tembe



Herculano Uaene
Munguambe Júnior



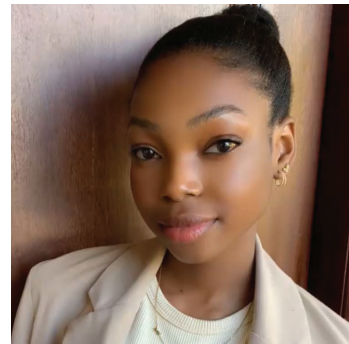
Óstel Nelson Mangujo



Pedro Belé Mucheu



Shanaya Lucas



Karen Muvique



Olayinka Virgínia
Mussafo Cunha



Aniva Tomás Joaquim



Agostinho Maúngue Júnior

